

Fama de violência persegue Pero Vaz

Antiga rua da Liberdade, a partir da década de 70 o Pero Vaz ganhou status de bairro, perdendo a característica de ser apenas uma ligação com o IAPI. A exemplo de outras áreas de Salvador, sua população espalha-se por casas simples em ruelas extensas, que descem por encostas formando uma grande tela habitada por cerca de 30 mil pessoas. Um comércio variado e bem sortido serve aos moradores, que têm poucas queixas a fazer, apesar da fama de violência desfrutada pelas vias mais famosas do local, as avenidas Peixe e Meireles. É opinião geral que andar pelas ruas do local de madrugada é mais seguro que em alguns outros pontos da cidade.

MARJORIE MOURA

A origem do nome do bairro do Pero Vaz se perdeu no tempo, mas acredita-se que seja uma homenagem a Pero Vaz de Caminha, escrivão da esquadra de Pedro Álvares Cabral. A rua principal, como toda a região, era conhecida como Corta-Braço, até o período em que o tráfego de bondes e ônibus elétricos foi suspenso, em meados da década de 60. A denominação pitoresca, segundo um morador, vinha de um acontecimento macabro, quando um malandro que costumava roubar bolsas e pertences dos transeuntes, em dias de movimento mais fraco, por perversidade, abria a navalha, e cortava o braço de quem passava sentado no veículo que trafegava pelos antigos trilhos.

Servido atualmente por três empresas de ônibus, que trafegam para Itaipara e Ribeira, Estação da Lapa e Terminal da França, parando no fim de linha situado numa transversal na entrada do bairro, os habitantes têm facilidade de locomoção. Isto se restringe, entretanto, a quem mora nas ruas principais, porque os residentes das partes baixas são obrigados a longas caminhadas para ir trabalhar ou estudar. Os estudantes de 2º grau são os mais prejudicados. O único colégio de Pero Vaz, o Caxiense, não tem vagas para todos os candidatos, que disputam matrícula em outras unidades.

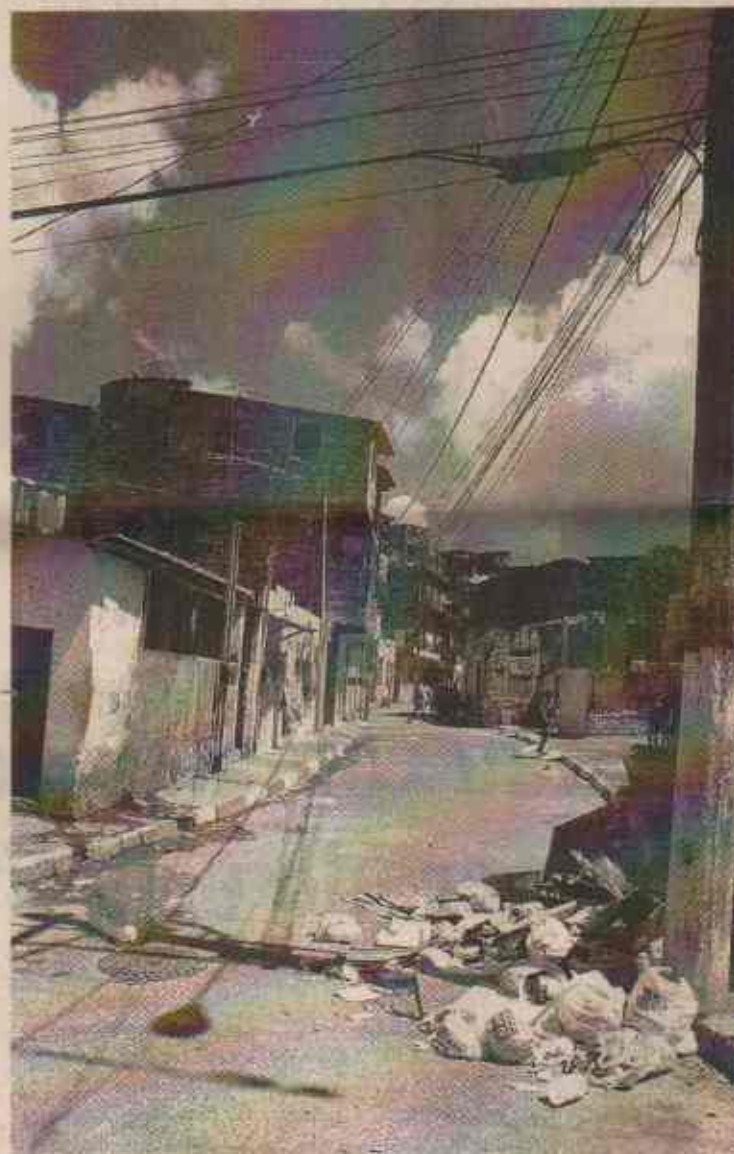
Os estabelecimentos públicos existentes são de 1º grau, como o ginásio da Escola Classe 1, da 23 de Maio (até a 4ª série) e o da Escola Comunitária da Avenida Meireles. Este último é mantido pela associação de moradores, que existe há cerca de 15 anos. O presidente da entidade, Elísio Venâncio de Santana, 47 anos, que nasceu no bairro, assim como seus irmãos, disse que a sede pertencia ao "Clube e Bloco Carnavalesco Os Magnatas", que desfilou durante mais de dez anos no Carnaval de Salvador. A escola abriga 240 alunos divididos nos dois turnos e não tem qualquer ajuda oficial.

série e têm seus salários pagos pela contribuição dos pais dos estudantes que integram a associação. No final do ano, diz, é preciso recorrer a bingos e rifas para complementar o 13º salário. Outra fonte de renda é o aluguel do espaço para formaturas e pagodes, mas o presidente da entidade diz que o movimento está muito fraco.

O sonho dele e dos outros integrantes da diretoria é construir mais algumas salas para ampliar o atendimento e concluir a quadra poliesportiva. Esta seria uma das únicas opções de lazer para os adolescentes da avenida, que disputam babas no meio da rua por falta de outro espaço, diz Elísio. Ele se queixa ainda da co-

leta irregular de lixo nos últimos meses e da falta de água, que só jorra à noite das torneiras neste período de verão.

Outra reclamação é quanto à fama de violência que cerca a rua, onde ele afirma não existirem assaltos ou arrombamentos. O problema, argumenta, é que a Meireles é passagem para viaturas de polícia e rabeções que se dirigem para as ruas mais baixas, como a Avenida Peixe, onde os problemas de homicídio e brigas são mais constantes. A falta de um módulo da Polícia Militar e de rondas permite que atos de violência aconteçam nestas áreas formadas por muitas ruelas e com saídas para vários pontos da Liberdade e Caixa D'Água, disse.



Bairro vive problemas típicos das comunidades carentes, mas é bem servido de transporte coletivo

Ocupação começou há 80 anos

A área atualmente ocupada pela famosa Avenida Peixe era um grande dique, no qual se pescava todo tipo de peixe, sendo que em uma das margens funcionava uma leiteria pertencente ao sítante Zé do Leite, que fornecia o produto tirado na hora para os moradores da área. A lembrança é da líder comunitária Joselita Alves dos Santos, Zelita, 57 anos, presidente da Associação Beneficente e Recreativa da Avenida Peixe, fundada em 19 de setembro de 1973. Do grande manancial de água, explica, restou apenas um estreito canal cheio de detritos atirados pelos próprios moradores.

Sua família chegou ao local em 1924, trazida pelo pai, Sérgio Alves dos Santos, que possuía uma barraca no Mercado Modelo. Ele foi a primeira pessoa a construir uma casa na avenida, que era coberta por plantações de nativo e de mamona. À noite podia-se sentir um forte cheiro das plantas que cresciam em meio ao matagal que cercava as poucas habitações existentes no trecho. O dique acabou sendo aterrado pelas habitantes que iam chegando e atualmente uma das reivindicações da comunidade é que seja coberto para evitar o entupimento causado por vasilhames e sacos plásticos, pneus e até restos de sofás.

Segundo Zelita, o principal

problema da avenida é mesmo o lixo, pois, apesar de a coleta, ser realizada nos dias certos, alguns moradores atiram detritos, restos de vegetação e até entulho nas calçadas a qualquer hora. O resultado é o entupimento das bocas-de-lobo e escadarias que dão acesso à rua principal do Pero Vaz. A área está sofrendo também com a falta de varrição, mas um mutirão realizado por integrantes da associação resolve parcialmente a deficiência.

Violência

Uma questão tratada com cautela pela líder comunitária é a fama de violência que persegue a rua, que ela não sabe dizer quando começou. Segundo Zelita, uns poucos marginalizam os moradores honestos e trabalhadores, que muitas vezes têm até dificuldade em encontrar emprego ao fornecer o endereço. Muitos destes, como sua filha, diz, saem de casa no final da madrugada e outros retornam para casa no final da noite sem serem importunados por ninguém.

Ela explica que o fato de a Avenida Peixe ter ligações com vários pontos da Liberdade e de ser utilizado por bandidos em fuga acentuou o estigma, mas lembrou que durante a permanência de 20 dias de integrantes

do Batalhão de Choque na área não resultou em nenhuma prisão, mas impediu que "bagunceiros" de outros locais voltassem a circular por ali. A construção da sede de uma nova companhia no Centro Social Urbano da Caixa D'Água deve permitir que a tranquilidade se instale de fato, previu.

O chefe do Serviço de Investigação da 2ª Delegacia (Liberdade), Damião Santos, informa que o maior problema da Avenida Peixe era o tráfico de drogas. A ousadia dos traficantes era tão grande, que a venda de maconha e crack no meio da rua era comum. Numa operação realizada no ano passado, foi estourada a principal boca-de-fumo da região, ocorrendo a morte de três bandidos e prisão de outros. Com o desmantelamento da quadrilha, a ação criminosa diminuiu e o ponto é agora um local seguro, afirma.

Zelita diz que a falta de emprego para os jovens da área também contribui para que os problemas aconteçam, porque, apesar de muitos terem feito cursos profissionalizantes, acabam sem ter o que fazer. As igrejas evangélicas instaladas na avenida também contribuem para a melhora do comportamento em geral, pendera, mas sem trabalho é difícil manter os jovens no bom caminho.